

Contribuições da teoria funcionalista para a análise do gênero relato

Contributions of the functional theory in the analysis of the genre report

Hérika Ribeiro dos Santos¹

RESUMO: Este artigo propõe evidenciar o papel das estruturas linguísticas na produção de relatos mais prototípicos. Foram analisados, para isso, os processos linguísticos desse gênero em produções de texto cobrado em exame vestibular. Essa investigação segue a linha de Decat (2008) e traz um conjunto de ideias que subvertem a ordem estabelecida por teóricos e estudiosos dos gêneros textuais e/ou discursivos, pelo fato de essas ideias defenderem o estudo dos graus de comprometimento com as estruturas linguísticas dos textos. Assim, forma-função, partindo do princípio de que a forma é efeito da função, foram analisadas nos textos, pelo fato de considerar a função sociocomunicativa do gênero indispensável para as escolhas linguísticas realizadas pelos usuários da língua.

PALAVRAS-CHAVE: gêneros – relato – funcionalismo - prototipicidade

ABSTRACT: This article aims to highlight the role of linguistic structures in the creation of reports more prototypical. Therefore, we analyzed the linguistic processes of this genre in text productions required in the university's entrance examination. This investigation follows the line of Decat (2008) and brings a set of ideas that subvert the order established by theorists and scholars of the textual and/or speech genres, since these ideas endorse the study of the degrees of commitment to the linguistic structures of texts. Thus, form-function, assuming that the principle of the form is an effect of the function, were analyzed in the texts, due the fact that the social-communicative function of the genre is consider essential for the linguistic choices made by language users.

KEYWORDS: genres – report – functionalism - prototypicality

¹ Docente da Universidade Estadual de Maringá

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O artigo que ora se propõe investiga, numa abordagem funcionalista, os processos linguísticos do gênero relato em produções de texto cobrado no vestibular de inverno-2012, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O estudo apresenta a teoria dos gêneros, seguida das peculiaridades do gênero relato e, na sequência, as contribuições do funcionalismo para o estudo dos gêneros textuais. Depois, é apresentada uma análise de quatro relatos, seguindo a linha de Decat (2008) e trazendo um conjunto de ideias que subvertem a ordem estabelecida pela maioria dos teóricos e estudiosos dos gêneros textuais e/ou discursivos, pelo fato de essas ideias defenderem o estudo dos graus de comprometimento com as estruturas linguísticas dos textos, em especial, neste caso, do gênero relato. Dessa maneira, forma-função, partindo do princípio de que a forma é efeito da função, foram analisadas nos textos, bem como a prototipicidade, por considerar que a função sociocomunicativa do gênero é muito importante para as escolhas linguísticas realizadas pelos usuários da língua.

2. DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 GÊNEROS TEXTUAIS

As pesquisas sobre gêneros textuais no Brasil iniciaram-se há pouco mais de uma década, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1996. Desde então, muito se tem discutido a respeito de gêneros, tanto no âmbito acadêmico quanto no educacional.

A expressão gêneros textuais, até o século XX, era mais utilizada pela retórica e pela literatura, associada aos gêneros épico, lírico e dramático. No princípio do século XX, Mikhail Bakhtin empregou-a com um sentido mais abrangente, afirmando que todos os textos empregados socialmente pertencem a um gênero. Por isso, é importante evocar algumas ideias desse filósofo que

repercutiram na concepção de língua como fenômeno social, histórico e ideológico.

Em sua concepção dialógica, a produção de ideias, pensamentos e textos tem sempre um caráter social, e a construção do conhecimento se dá através de atos de interlocução. Assim, ele vê a linguagem como algo constitutivo do conhecimento e não constituído por ele. Antes de definir linguagem ou palavra, Bakhtin considerou que o fato linguístico não pode ser entendido apenas como uma realidade física, mas deve ser colocado na esfera social.

Observando as soluções que a filosofia da linguagem e a linguística haviam trazido para as questões por ele levantadas, criticou as duas linhas teóricas do pensamento filosófico e linguístico vigentes até então: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. A primeira via o fenômeno linguístico como um ato significativo de criação individual, concebendo a língua como algo pronto para ser usado, sem influências físicas, políticas, ou econômicas. O objetivismo abstrato, por sua vez, foi criticado porque separava a língua da fala (aspecto social e aspecto individual), desvinculando a enunciação do contexto e a língua de sua esfera real. Além disso, o filósofo criticava o fato de essa teoria considerar a linguagem como um sistema abstrato de normas, utilizado para a interação entre seus usuários. Para Bakhtin (1998, p. 95), não são palavras que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. Em síntese, Bakhtin criticou ambas as teorias por acreditar que tanto o conceito de linguagem como enunciação monológica e isolada (subjetivismo idealista) quanto sua concepção como sistema abstrato de formas (objetivismo abstrato) são obstáculos para um estudo mais efetivo desse objeto.

A partir das deficiências apontadas nessas duas teorias, Bakhtin propôs a teoria da interação verbal, avaliando que, para entender a enunciação, que é

de natureza social, é necessário considerar que ela sempre leva a um ato de interação. Na concepção do filósofo, o enunciado pertence a um universo de relações dialógicas diferentes das relações puramente linguísticas. Ao contrário da palavra e da sentença, que são unidades de linguagem, o enunciado é uma unidade da comunicação discursiva que se relaciona com a realidade, reportando-se a outros enunciados reais, anteriormente produzidos. Foi a partir de uma concepção dialógica da linguagem que Bakhtin afirmou a sua verdadeira substância, constituída pelo fenômeno social da interação verbal. Para ele, ignorar a natureza social e dialógica do enunciado seria apagar a ligação existente entre a linguagem e a vida.

Essa breve explanação do pensamento bakhtiniano sobre a compreensão da língua como um fenômeno social, histórico e ideológico constitui, de acordo com Melo (2006, p. 19), um dos primeiros passos para a construção do conceito de gêneros discursivos, que também são fenômenos sócio-histórico-ideológicos. Daí não poderem os gêneros serem vistos como algo finito. À medida que há transformações na sociedade, mudam-se também os gêneros para atender às novas formas de usar a linguagem. Nas palavras de Bakhtin (2003, p.262),

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Bakhtin afirma que todos os textos possuem características relativamente estáveis, das quais o locutor nem sempre tem consciência. Tais características configuram diferentes gêneros textuais ou discursivos, e abrangem três aspectos básicos coexistentes: o tema, a estrutura (modo composicional) e os usos específicos da língua (estilo).

Salientando a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), o autor inclui entre eles, desde

[...] as breves réplicas do diálogo cotidiano [...], o relato do dia-a-dia, a carta (em todas as suas diversas formas), o comando militar lacônico padronizado, a ordem desdobrada e detalhada, o repertório bastante vário (padronizado na maioria dos casos) dos documentos oficiais e o diversificado universo das manifestações publicísticas [...] as variadas formas das manifestações científicas e todos os gêneros literários (do provérbio ao romance de muitos volumes) (BAKHTIN, 1993, p. 262).

Em situações de interação verbal, a escolha do gênero não é totalmente espontânea, pois é necessário que se considerem as exigências da própria situação de comunicação: quem fala, sobre o que fala, com quem fala, com qual finalidade. Esses elementos condicionam as escolhas do locutor que, conscientemente ou não, faz uso do gênero mais adequado à situação.

Esclarecendo a referência feita por Bakhtin aos gêneros como atividades relativamente estáveis, Marcuschi (2005, p. 35) afirma que isso se deve ao fato de eles não serem fruto de invenções individuais, mas formas socialmente maturadas em práticas comunicativas.

Sintetizando as ideias até aqui apresentadas, pode-se dizer que o gênero é enunciado pelo fato de ser matéria linguística que considera o enunciador e o enunciatário. É estável porque está num contexto marcado, tem uma temática e um interlocutor definidos, e o advérbio relativamente indica que a estabilidade não é total, podendo o gênero ser modificado de acordo com a situação de comunicação.

A partir da concepção de língua de Bakhtin (1998), como atividade social, histórica e cognitiva, os gêneros textuais se constituem como ações sócio-discursivas sobre o mundo. Assim, o trabalho com os gêneros é uma oportunidade ímpar de se lidar com a língua em seus mais diferentes usos no cotidiano.

Nessa perspectiva, na produção textual, o tema (assunto), o plano composicional (estrutura) e o estilo verbal (como a escolha do vocabulário a ser empregado) que caracterizam determinado gênero textual são acionados e acabam por compor um todo. Isso explica por que o gênero textual mais adequado não é escolhido de forma completamente espontânea. Conforme Bakhtin (2000),

[...] enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e suas convicções, seus preconceitos (de meu ponto de vista), suas simpatias e antipatias etc.; pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado, a escolha dos procedimentos composicionais e, por fim, a escolha dos recursos lingüísticos, ou seja, o estilo do meu enunciado.

Assim, a leitura e a produção de textos tornam-se muito mais significativas quando o aluno é apresentado a um gênero, percebendo-o como relativamente estável dentro de um contexto, assim como o propósito, a intenção do autor. Da mesma forma, a produção do mesmo gênero terá referência, finalidade, contexto, suporte textual e público definidos e reais.

Os gêneros textuais materializam aquilo que é teorizado pelas tipologias. Marcuschi (2005, p. 22-23), a fim de didatizar a distinção entre tipologia e gênero textual, elaborou um quadro sinóptico que evidencia serem os gêneros textuais. Textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Tabela 1. Quadro sinóptico.

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
1. constructos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas;	1. realizações lingüísticas concretas definas por propriedades sócio-comunicativas;
2. constituem seqüências lingüísticas ou seqüências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos;	2. constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversaçã espontânea, conferencia, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Fonte: Marcuschi (2005, p. 23).

O trabalho didático focalizado nas tipologias textuais tem se mostrado insuficiente para o desenvolvimento da cidadania, como pode ser comprovado

pelo estudo exaustivo da dissertação argumentativa, realizado com afinco pela escola, visando, geralmente, à obtenção de uma boa nota num concurso vestibular de algumas instituições de Ensino Superior ou no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Mas, além desse fim, qual é a função social desse trabalho? Pode-se dizer que, embora na vida seja constantemente necessário argumentar, é insignificante o número de situações palpáveis em que se utiliza uma argumentação nos moldes em que essa tipologia é ensinada aos alunos.

Faz-se necessário, portanto, um trabalho que, extrapolando essa tipologia, focalize os gêneros, auxiliando o aluno a argumentar, tendo em vista uma função social. Faz-se necessário explorar as condições de produção do texto, pois é indispensável que o indivíduo saiba por que está argumentando, para quem, e, principalmente, para quê. Maingueneau (2002, p. 65) reforça essa ideia, ao caracterizar os gêneros do discurso como atividades sociais. Assim sendo, o aluno precisa aprender e reconhecer a aplicabilidade desses gêneros na sociedade.

A focalização de textos que envolvem argumentação, nessa perspectiva, é mais significativa para o aluno, pois ele percebe a função do conteúdo estudado na sociedade e aprende a argumentar com um objetivo mais amplo do que o de angariar notas para uma possível aprovação, seja ela na escola ou no exame vestibular.

Um grupo de pesquisadores da Universidade de Genebra desenvolve estudos sobre gêneros, há aproximadamente duas décadas. Dentre eles, destacam-se Joaquim Dolz, Auguste Pasquier, Paul Bronckart e Bernard Schneuwly, que já fazem parte da biblioteca de alguns professores e estudiosos da Língua Portuguesa.

Eles enfatizam que, para ser significativa, uma aprendizagem precisa acontecer em espiral e não de forma linear, como frequentemente ocorre nas escolas. Isso implica que o aluno não precisa aprender nas séries iniciais a narrar, para depois descrever, e, apenas nas séries finais, argumentar.

A proposta de Dolz e Schneuwly (2004) é que os gêneros sejam agrupados com base em critérios como domínio social de comunicação, capacidade de linguagem envolvidas e tipologias textuais. Dessa forma, subdividem os gêneros nos seguintes agrupamentos: narrar (Mimesis da ação por meio da criação da intriga no domínio do verossímil); relatar (representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo); argumentar (sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição); expor (apresentação textual de diferentes formas dos saberes) e descrever (regulação mútua de comportamentos).

Os textos dos agrupamentos narrar, relatar, argumentar, expor e descrever devem permear todas as séries, desde as iniciais. Nas palavras de Pasquier e Dolz (1996),

[...] Desde muito cedo, graças ao desenho, ao contato freqüente com os livros, à utilização de imagens e, sobretudo, à técnica do professor como escriba. (a criança diz oralmente um texto escrito, ditando-o a um adulto que assume a tarefa gráfica), crianças pequenas podem produzir textos descrevendo um lugar conhecido, explicando um fenômeno conhecido, contando uma história, tentando convencer um colega, dando instruções para fabricar um brinquedo, etc...

Conforme os autores, desde a mais tenra idade, as crianças entram em contato com uma diversidade de gêneros textuais, com textos de todos os agrupamentos, os quais têm como critérios o domínio social de comunicação, a capacidade de linguagem envolvida e tipologias textuais existentes. Esse contato propicia ao aluno identificar qual o gênero ideal para que a comunicação alcance êxito. Por meio desse trabalho, o indivíduo não só aprende as características e especificidades de cada gênero, mas também começa a se conscientizar de que todo cidadão pode e deve participar ativamente da vida em sociedade.

É de fundamental importância o trabalho com os gêneros textuais para o desenvolvimento da cidadania do aluno. Nas palavras de Bronckart (1999, p.

103), a apropriação dos gêneros é o mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas.

Devido a essa importância, é que o estudo que ora se propõe busca analisar e evidenciar como se dá o trabalho com o gênero relato, por meio de uma análise funcionalista destacando a “forma-função” e a prototipicidade de textos produzidos por candidatos a vagas na Universidade Estadual de Maringá (inverno-2012).

2.2 O GÊNERO RELATO

Um dos agrupamentos mencionados por Dolz & Scheneuwly (1996) é o da ordem do relatar, o qual comporta os gêneros pertencentes ao domínio social da memorização e documentação das experiências humanas, situando-as no tempo. O trabalho que ora se propõe é analisar os aspectos linguísticos do gênero relato, pois, de acordo com Santos & Barbosa (1999), a noção de gênero considera, além dos elementos da ordem do social e do histórico, aspectos estruturais do texto, situação de produção e forma de dizer.

Apesar de serem escassas as referências bibliográficas sobre o gênero relato, foram encontrados alguns artigos que abordam tal tema. Souto e Leal (2009) justificam a necessidade de se trabalhar com o relato em sala de aula em virtude de ele possibilitar ao aluno a diferenciação entre o discurso oral e o discurso escrito e, principalmente, observar a ordenação do tempo dentro do texto. As autoras afirmam que, no discurso do relato, desenvolve-se um processo narrativo e uma relação temporal que acontece do início ao fim do ato de sua produção, por isso elas ainda asseveram que “as circunstâncias de tempo e lugar são indispensáveis”.

Outro aspecto que as autoras salientam é a importância de se trabalhar com a objetividade como uma das peculiaridades desse gênero e com os verbos de ação no processo de relatar. Nas palavras utilizadas por elas, “o sujeito deve

limitar-se ao que pode observar e explicitar fidedignamente". Assim, em um relato, não há espaço para ações subjetivas e tudo deve ser passível de verificação.

Por meio da utilização de tópicos, Souto e Leal expõem estratégias de organização do discurso do gênero relato. Dentre eles, segundo elas, é necessário identificar o fato central organizador da trama de um relato, bem como o critério usado para ordenar os fatos em um texto ou a sequência do relato e as marcas linguísticas da organização temporal de um texto ou sequência de relato (advérbios e expressões adverbiais de tempo, palavras indicativas de sequenciação temporal etc.). Além disso, é preciso identificar as marcas linguísticas, tais como tempos verbais e marcadores textuais de eventuais projeções e retrospectões em um relato e ordenar temporalmente acontecimentos os quais tenham sido apresentados fora da ordem cronológica. Os outros passos, de acordo com as autoras, são reconhecer os efeitos de sentido da utilização de uma ordem de apresentação dos acontecimentos e empregar marcadores linguísticos e sinais de pontuação adequados à organização de uma sequência temporal de relato.

Depois dessa explanação a respeito da organização do discurso, as autoras abordam aspectos referentes à coesão verbal e sua importância na produção do gênero relato. Elas ressaltam que os tempos verbais básicos, bem como seus papéis específicos precisam ser identificados. Depois, é preciso entender a correlação entre fatos e acontecimentos a partir da interpretação dos tempos verbais utilizados em uma sequência de relato e relacionar os valores aspectuais dos pretéritos às criações de planos temporais.

Segundo as autoras, outro item importante a ser trabalhado é a conexão textual, a qual se dá por meio da observância dos marcadores textuais e seus efeitos de sentido e da reestruturação de sequências de relato, substituindo marcadores textuais por outros semanticamente equivalentes. Por último, analisar as marcas linguísticas e-ou gráficas da articulação do relato com outros

discursos ou sequências discursivas do texto (descritivo, direto, indireto, argumentativo, injuntivo etc.).

Este artigo abordará especificamente o relato de experiência vivida, pois foi um dos gêneros cobrados no vestibular de inverno-2012, da Universidade Estadual de Maringá, e pelo fato de os candidatos demonstrarem muita dificuldade para desenvolvê-lo. Segundo relato da coordenadora da Banca de Redação, num montante de aproximadamente vinte e dois mil textos, nem dez por cento deles conseguiram realizar um relato de experiência vivida. Ela ainda comentou que apareceram textos inusitados em vez do relato solicitado, pois muitos escreveram entrevistas, reportagens, dissertações, respostas argumentativas, narrações e misturas entre eles. A coordenadora salienta que é necessário haver, primeiramente, um preparo do professor a fim de que ele possa, depois, trabalhar o gênero com seus alunos e, pelo fato de ser um gênero atual e de pouca bibliografia, além da morosidade com que as pesquisas acadêmicas chegam às escolas, normalmente, quando se fala em relato, os professores se restringem ao relato jornalístico esquecendo-se das outras configurações que o gênero pode ter. Enfim, nas palavras da coordenadora, “se o professor não se apropriou da ferramenta relato, o máximo que pode fazer em situação de ensino é trabalhar de forma empírica e intuitiva”.

Será feita a análise dos aspectos linguísticos de 5 textos, cujo parâmetro de seleção foi a nota, considerando as peculiaridades do gênero relato acima mencionadas, para verificar se os textos que obtiveram notas mais altas são os mais prototípicos e se os que obtiveram notas mais baixas são os que se afastam da prototipicidade.

2.3 CONTRIBUIÇÕES DO FUNCIONALISMO

De acordo com Fernandes (1970), o objeto de estudo do funcionalismo é qualquer fenômeno social, pois os representa da forma como eles acontecem, isto é, com dinamicidade. Dessa forma, um dos objetivos principais da abordagem funcionalista é verificar o modo como determinada língua é usada

por seus falantes para fins de comunicação, ou seja, as funções por ela exercidas com o intuito de atingir os seus próprios propósitos e intenções no momento da enunciação. Por isso, não só o caráter funcional da língua é importante, mas também suas variações e mudanças.

Para os funcionalistas, o que importa é o uso das expressões linguísticas na interação verbal, pois acreditam que, por meio dela, é possível conhecer a interação social entre os indivíduos, estabelecendo-se, assim, relações comunicativas entre os usuários. Segundo Dik (1978), no funcionalismo, a língua é vista como um instrumento de interação social e o principal propósito da linguagem é mediar a comunicação entre os usuários.

Decat (2008) publicou um texto no qual as atividades de interação por meio da linguagem são materializadas nos gêneros textuais. Nessa perspectiva, a autora defende que forma e função estão intimamente ligadas na caracterização dos gêneros e que a abordagem funcionalista pode ser de suma importância para o reconhecimento dos mecanismos da língua em uso, considerando os vários gêneros que circulam socialmente.

Ela enfatiza que existem diversas discussões calcadas nos gêneros textuais, no entanto os aspectos gramaticais são postos à margem na maioria delas. Para Decat (2008), a forma é efeito da função e, por isso, os estudos funcionalistas podem contribuir para a caracterização dos gêneros, pelo fato de mostrar o que é mais importante na função sociocomunicativa, por meio das escolhas linguísticas realizadas pelos usuários da língua. Nas palavras da autora, "...meu objetivo não é fazer uma caracterização de gênero, mas mostrar como o estudo de aspectos formais-estruturais pode contribuir para evidenciar a relação que se estabelece entre a forma de materialização do gênero e a função a que ele se presta.". Segundo ela, "... qualquer gênero deve ser visto como uma materialização de formas (...) que estão a serviço dos objetivos comunicativos do gênero".

Em suma, o funcionalismo contextualiza a língua na situação social e avalia a funcionalidade de estruturas por meio de conceitos como a prototipicidade. Teoria dos Protótipos postula que as categorias não são

estruturas homogêneas, pois elas exibem melhor uma estrutura prototípica. Por exemplo, os membros mais representativos, ou seja, aqueles que os falantes primeiro evocam ao escutar ou ver o nome de uma categoria são os membros centrais ou prototípicos (melhores exemplos), em torno dos quais, os demais se organizam. Pode-se dizer que “guitarra” é um membro prototípico da categoria “banda”.

Os protótipos são considerados, segundo Costa (2004), tipos de categorias focais. Embora não se possa sustentar que todas as categorias têm, como as de cor, uma base biológica, pode-se sustentar, em geral, que as categorias se estruturam em torno de um centro cognitivo, seja perceptivo ou conceptual, até que os falantes julguem e meçam sua classe denotacional de aplicação. As entidades e os atributos, dentro de uma categoria, ordenam-se com diferenças de graus a partir da projeção desses focos cognitivos. Os membros mais distantes do centro serão casos limites que podem, inclusive, fazer parte de outras categorias.

A Teoria dos Protótipos introduz, assim, uma metodologia alternativa de análise e apresentação da estrutura do significado. Uma descrição categorial deve considerar, como fonte dos atributos a incluir, tanto os bons e os maus exemplos, quanto os membros de pertinência duvidosa. Com essa informação, é possível construir o mapa categorial, que deve apresentar os atributos em ordem de representatividade. Os dados necessários para desenhar o mapa de uma categoria se obtêm do falante, como resultado de diversas tarefas experimentais e rejeitam as taxonomias científicas, porque não constituem uma representação adequada do modo como as pessoas organizam e entendem a realidade. O enfoque é cognitivo, não só porque apela à competência lexical e pragmática do usuário de uma língua mas, particularmente, porque parte do pressuposto de que a organização da categoria na mente do falante, em torno de exemplos representativos, determina seu rendimento nas tarefas experimentais, assim como a compreensão linguística e o modo em que estrutura sua experiência na vida cotidiana. Um mapa categorial acompanha e representa a descrição prototípica de uma categoria.

Em virtude da relevância dos estudos funcionalistas, principalmente os que envolvem forma-função e a teoria dos protótipos, a análise que ora se propõe procurará abarcar as duas teorias em análises do gênero relato.

3. ANÁLISE

A seguir serão analisados quatro relatos produzidos por candidatos a vagas no curso de Medicina da Universidade Estadual de Maringá, no vestibular de inverno-2012. Serão apontados alguns usos da língua que estão a serviço do relato, isto é, das manifestações discursivas que levam ao desenvolvimento do processo narrativo e da relação temporal que deve acontecer do início ao fim de sua produção, pensando no quesito forma-função. Além disso, analisar-se-á a prototipicidade do gênero relato, observando se os textos os quais obtiveram maiores notas são os mais prototípicos e os que tiraram notas mais baixas afastam-se da prototipicidade.

Primeiramente, foram apresentados dois textos de apoio sobre o tema **“O uso de tatuagens por crianças e adolescentes”** e, na sequência, a proposta de produção do gênero textual 1 - Carta do Leitor - e do gênero textual 2 – Relato, o qual é objeto de análise deste estudo. Segue a proposta: Tendo como apoio os textos 1 e 2, redija um **relato**, com até 15 linhas, que fará parte da reportagem de uma revista, sobre o uso de tatuagem por crianças e jovens. Nesse relato você deve exemplificar com uma experiência (fictícia ou não) sua ou de outra pessoa sobre o uso ou a recusa de tatuagem. Para identificar a(s) pessoa(s) do relato, use, se achar necessário, nome(s) dentre os quais: João, Maria, Pedro, Ana, Eduardo, Beatriz. Não serão avaliados os textos que trouxerem quaisquer outros nomes que não esses sugeridos.

Relato 1 – Nota: Zero – Menos prototípico ⁱ

“Reprimido por ser livre”

A sociedade nunca teve tantas formas artísticas de se expressar, como nos dias de hoje. Uma destas formas é a tatuagem. "Trata-se de uma arte pacífica que utiliza o próprio corpo, sem atingir o próximo", diz a aluna de desenho industrial Beatriz, 17 anos.

A estudante que possui um par de tatuagens, conta que cada uma demonstra alguma experiência vivenciada, parte de quem ela é. A jovem acrescenta ainda que é lamentável que exista, em pleno século 21, tanto preconceito contra pessoas tatuadas, "É como ser reprimido, por ser livre", exclama.

De fato existe, hoje, um forte choque entre o novo e o tradicional, a solução esta em achar um modo destes estilos coexistirem em uma sociedade livre.

Como se pode notar na teoria que aborda as peculiaridades do gênero relato, é de fundamental importância se trabalhar o aspecto narrativo e a construção do tempo dentro do texto. Na produção acima, os elementos da narrativa não se fazem presentes, pois, nele, há uma mistura de entrevista, depoimento e uma conclusão dissertativa o que afasta muito esse texto do protótipo do gênero relato e o leva a obter nota zero. Além de não atender à forma específica do gênero, o texto "Reprimido por ser livre" está também distante da função a que o relato se propõe, pois não há objetividade e os fatos não são comprováveis, por não estarem marcados nem no tempo, nem no espaço. Os elementos articuladores do relato também não apareceram nessa produção textual e, se forem considerados os aspectos relacionados ao tema, o texto também não atende às expectativas propostas no comando, pois o enfoque não é na abordagem do tema "Tatuagem em crianças e adolescentes". Mesmo sabendo que os gêneros são relativamente estáveis, esse texto não preservou a estabilidade necessária para enquadrar-se no agrupamento relatar, pois não teve como diretriz a linguagem referencial a qual objetiva informar algo a alguém.

Relato 2 – Nota: 48

Eu Ana tenho duas tatuagens, acho lindo e efícas, pois na infância passei por uma série de problemas, tendo que estar em hospitais sempre, e nesse tempo fiz algumas cirurgias que deixaram cicatrizes horríveis, veio então a ideia de fazer uma tatuagem encima da cicatriz, eu era jovem tinha 15 anos, minha família apoiou e autorizou.

Tomei coragem e procurei um tatuador de confiança, ele achou uma ideia excelente, escolhi o desenho de um ramo com alguns morangos, fiquei aprensiva, com medo da dor, mais no fim ficou linda.

Então outro dia resolvi fazer mais uma, também encima de uma cicatriz, procurei o tatuador novamente e fiz um ramo com pimentas, adorei o resultado, não tenho medo de me arrepender, afinal eu fiz para melhorar minha auto estima, e apoio quem quer fazer independe da idade, hoje não tenho vergonha de sair à praia, piscina de biquine, pois ninguém mais fica reparando e vê que tem alguma cicatriz, ao contrário, agora reparam nas tatuagens e até recebo muitos elogios.

Esse texto, à primeira vista, não traz boas impressões pelos desvios gramaticais que apresenta logo no início, tais como: problemas de pontuação, concordância e ortografia, dentre outros. No entanto, apesar desses problemas e de a nota não ser das piores, o texto preserva características importantes que o distingue de outros gêneros como sendo um relato pessoal. Apesar de não serem detectadas tantas marcas temporais, por meio da apresentação dos verbos e de sua ordenação, foi possível situar parcialmente o fato narrado no tempo e no espaço. Além disso, foi apresentada uma mudança de comportamento após a realização do ato de tatuar. Além disso, o candidato limitou-se ao que pôde observar e analisar fidedignamente. Houve

uniformidade de tratamento, pois a primeira pessoa do discurso foi mantida, já que o candidato optou por produzir um relato pessoal.

Relato 3 – Nota: 55

Hoje tenho 28 anos, me chamo Maria e possuo marcas indesejáveis de uma tatuagem. Quando completei 15 anos, meus pais se separaram e foi uma aceitação difícil para mim. Comecei a sair mais e conhecer pessoas diferentes. Uma dessas novas amizades que fiz tinha 19 anos e trabalhava como tatuador. Quando nos encontrávamos, ele sempre me mostrava fotos de suas “tatoos” e contava que assim se sentia independente. Fiquei dias pensando nessa sensação e resolvi fazer uma mesmo sem a permissão dos meus pais, já que meu amigo era quem tatuava. Tudo ia bem, até que um dia comecei a sentir dores, ardência e coceira no local tatuado, assim contei para minha mãe que imediatamente me levou ao hospital. O resultado disso foi uma infecção que me deixou em coma e quase me tirou a vida. Quando melhorei me arrependi do que havia feito e fico feliz com a criação de uma lei que pode per, digo, prevenir os jovens de uma ilusão.

Apesar de alguns problemas gramaticais, que denotam esquecimento e não falta de habilidades linguísticas, esse relato obteve uma nota próxima de 60 – valor máximo. Isso porque as características que se espera de um relato foram empregadas nessa produção textual. Apesar de o tempo e espaço estarem bem marcados, houve excesso na repetição do conectivo “quando”, talvez pelo fato de o candidato desconhecer outros sequenciadores ou por querer enfatizar essa ideia de marcação de tempo, de sucessão das ações. Além disso, o tema foi bem trabalhado e as diretrizes apresentadas no comando foram atendidas. A estrutura composicional do gênero e o estilo também foram respeitados e esses fatores tornaram o texto prototípico do gênero relato. Aqui, a função sociocomunicativa do gênero foi muito importante para as escolhas linguísticas realizadas pelo candidato a uma vaga no curso de

Medicina, pois elas ajudaram na progressão textual do discurso relatado, o qual foi produzido em um contexto específico e com uma determinada intenção, que era contar algo sumariamente considerando todas as nuances de tempo e espaço em que as ações pretéritas se deram. Há de se considerar que houve um pouco de incoerência com o mundo real ao extremizar o fato de a personagem ter ficado em coma, mas possivelmente essa hipérbole objetivava enaltecer o alerta para aqueles que sonham com fazer uma tatuagem. O candidato finalizou o texto mostrando uma mudança de comportamento advinda da ação de fazer uma tatuagem. Todos esses aspectos envolvendo “forma-função” contribuíram com a obtenção da boa nota atribuída ao texto.

Relato 4 – Nota: 59 – Mais prototípico

Mente imatura

Desde pequena, quando via pessoas com desenhos em seus corpos, eu ficava encantada. Eram dragões, borboletas, personagens, e até palavras. Já meus pais, achavam horrível, diziam que era coisa de bandido ou revoltado. Os anos passaram, e eu já adolescente, sonhava com uma chave de sol tatuada no ombro esquerdo para simbolizar a música em mim. Toda vez que comentava a respeito ou pedia autorização para fazê-la, eu ouvia um “NÃO!”. Foi a partir desse momento que a tatuagem virou, para mim, atitude de revolta. Decidi fazer escondido. Achei um lugar onde tatuavam menores sem autorização, juntei dinheiro e fiz a tão esperada tatuagem. Como era um lugar visível, não demorou para que meus pais descobrissem e se decepcionassem. O tempo passou, eu me tornei adulta e estava desempregada. Como naquela época tatuagem era vista com maus olhos, eu não conseguia nenhum emprego. Ninguém me aceitava e eu passei algum tempo nessa situação. Foi então que veio o arrependimento do ato feito com uma mente imatura.

Esse texto pode ser considerado prototipicamente um relato, pois tanto a forma quanto a função do gênero foram atendidas. Primeiramente, as marcas temporais, as quais são imprescindíveis para a produção desse texto estão bem evidentes – a produção já inicia com a demarcação de tempo “Desde pequena...”, depois, “Os anos passaram...”, dando continuidade, “Toda vez...”, na sequência “O tempo passou...”, “Como naquela época...”, e finaliza o texto com “Foi então...”. Dessa forma, os elementos mencionados estão ancorados em uma origem dêitica, mostrando que esse eixo de referência tem a duração exata do ato da produção do discurso, diferente do tempo da narrativa.

Tudo que foi mencionado nesse relato é passível de verificação, o que possibilita a construção de um discurso objetivo, não há espaço para ações subjetivas como o achar ou o imaginar. Além disso, existe um fato central – o tema – que organiza toda a trama desse relato. É válido ressaltar que o texto quase obteve a nota máxima, num panorama de produções textuais que se distanciaram do protótipo do gênero solicitado no comando, pois atendeu às expectativas de produção de um relato.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura desse artigo pode contribuir com os educadores e estudiosos que se propõem a se “aventurar” nessa concepção de ensino que atualmente está em voga – a dos gêneros textuais e-ou discursivos - pois, caso essas reflexões sejam ignoradas, o que tanto se criticou em décadas passadas – trabalho com estruturas – entra novamente em cena, mas com uma nova roupagem, a qual camufla algo tão estrutural quanto o ensino da metalinguagem gramatical. Enquanto não se extrapolar a estrutura composicional do gênero, bem como o tema, e atrelar a esses dois aspectos o estilo, nas palavras da autora Decat, “forma-função”, será difícil os alunos entenderem a papel sociocomunicativo dos gêneros e começarem a utilizá-los como formas de atuarem na sociedade e de aumentarem o seu

empoderamento. Além disso, é interessante ressaltar que, na análise realizada, pode-se constatar – o que já era de se esperar – que os textos os quais mais se aproximaram do núcleo prototípico do gênero relato obtiveram maiores notas, ao contrário daqueles que se distanciaram dele.

5. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 1999.

COSTA, Sônia B. Borba. *Funcionalismo e ensino de língua materna*. In CHRISTIANO, Maria Elizabeth, SILVA, Camilo Rosa e HORA, Demerval da (orgs). *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004 p. 227-264.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. *A relevância da investigação dos processos linguísticos, numa abordagem funcionalista, para os estudos sobre os gêneros textuais*. In *Estudos descritivos do português – história, uso, variação*. Juliano Desiderato Antonio (org) São Carlos: Editora Claraluz, 2008 p 169-191.

DIK, C. S. *Functional Grammar*. Dordrecht –Holland / Cinnaminson- EUA: Foris Publications, 1978.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita - Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláis Sales (Orgs./Trads). *Gêneros orais e escritos na escola: tradução de trabalhos de Schneuwly e Dolz*, Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 38-71.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez: 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONIOSIO, Angela paiva; MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

PASQUIER, Auguste; DOLZ, Joaquim. Un decágono para enseñar a escribir. *Cultura y Educación*, Madrid, v. 2, p. 31-41, 1996.

SANTOS, G. T. dos S. & BARBOSA, J. P. (1999) Gêneros do discurso. In - -. *Língua Portuguesa no Ensino Fundamental: por uma abordagem enunciativa* (Parte 2), inédito, São Paulo: PUC, p. 01 – 10.

SOUTO, Ângela Maria da Silva; LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. *Textualização do discurso de relato*. Currículo Básico Comum – Língua Portuguesa Ensino Médio. Centro de Referência Virtual do Professor – SEE-MG: 2009.

ⁱ Os desvios gramaticais presentes nos textos dos candidatos foram mantidos da mesma forma que estavam no texto original.